

Shamati

Rav Yehuda Ashlag

8/11/23

Table of contents

Prefácio	4
1 Não existe ninguém além Dele	5
2 A Shechinah no Exílio	9
3 A questão do recebimento espiritual	10
4 Shamati 2	14
5 Lishmá é um despertar de Cima. E por que precisamos de um despertar de Baixo?	15
6 Shamati 2	19
7 Shamati 2	20
8 Shamati 2	21
9 Shamati 2	22
10 Shamati 2	23
11 Shamati 2	24
12 A essência do trabalho do homem	25
13 Shamati 2	26
14 Shamati 2	27
15 Shamati 2	28
16 Shamati 2	29
17 O que significa que a Sitra Achra seja chamada de “Malchut sem uma Coroa”?	30
18 Shamati 2	32

19 Shamati 2	33
20 Shamati 2	34
21 Shamati 2	35
22 Shamati 2	36
23 Shamati 2	37
24 Shamati 2	38
25 As coisas que vêm do coração	39
26 Sumário	41
References	42

Prefácio

Este é um livro quarto.

1 Não existe ninguém além Dele

(Escutei na Parashá Itro 1, em fevereiro de 1944)

Está escrito: “Não existe ninguém além Dele”. Isto significa que não existe nenhum outro poder no mundo capaz de se opor ao Criador. E a razão pela qual o homem vê que no mundo existem coisas e poderes que negam Seu Poder Absoluto deve-se, unicamente, a que o Criador assim o deseja. E este modo de correção se chama “a mão esquerda rejeita e a direita aproxima”. Isto é, aquilo que a esquerda rejeita é considerado uma correção. Isto significa que existem, no mundo, coisas que, desde o princípio, têm a finalidade de desviar o homem do caminho correto, por meio das quais ele é rejeitado da Kedushá (Santidade).

O benefício dessas rejeições consiste em que, por meio delas, a pessoa recebe uma necessidade e um desejo completo de que o Criador lhe ajude, pois vê que de outra forma estaria perdida. A pessoa não só não progride em seu trabalho, mas regride, isto é, faltam-lhe forças para observar a Torá e as Mitzvot, inclusive em Lo Lishmá (não em benefício Dele). Somente superando todos os obstáculos de maneira genuína, acima da razão, pode-se observar-se a Torá e as Mitzvot. Porém, nem sempre a pessoa possui a força necessária para elevar-se acima da razão, mas, ao contrário, encontra-se forçada a desviar-se da senda do Criador, Deus não o queira, ainda que em Lo Lishmá.

Aquele que sempre sente que os fragmentos são maiores que o todo, isto é, que existem muito mais descensos que ascensos, e que não vê um fim para esses estados, pensa que permanecerá para sempre à margem da Santidade, pois sente que lhe é demasiado difícil observar até mesmo uma vírgula da Torá, a menos que possa transcender acima da razão, mas nem sempre é capaz de consegui-lo.

Qual será o propósito de tudo isto?

É que, assim, ele chega a um momento em que finalmente compreende que ninguém pode ajudá-lo, exceto o próprio Criador. Isto leva a pessoa a fazer um sincero pedido para que o Criador lhe abra os olhos e o coração, de tal forma que consiga fazer a Dvekut. Disto se deduz que todas as rejeições que havia sentido provinham do próprio Criador. Isto significa que os descensos não foram motivados por falhas suas, ou porque ele não tivesse capacidade de sobrepor-se aos obstáculos. Ao contrário, às pessoas que verdadeiramente desejam acercar-se do Criador, e que não se contentam com ninharias, isto é, não permanecem sempre como crianças ignorantes, lhes será enviada ajuda do Alto, para que não possam dizer: “Graças a Deus, tenho Torá, Mitzvot e ações bondosas, por isso, o que mais posso necessitar?”

Somente a pessoa que possui um desejo sincero receberá ajuda do Alto. E a essa pessoa constantemente se lhe será mostrado o quão deficiente ainda é em seu atual estado. Isto significa que lhe serão enviados pensamentos e opiniões que estão em completa oposição a esse trabalho. A finalidade disso é fazê-la ver que não está unida ao Criador. E na medida em que consegue sobrepor-se a isso, acaba vendo sempre que se encontra ainda mais distante da Santidade que os demais, que se sentem unidos a Hashem.

O ser humano, como sabemos, sempre tem queixas e reclamações, e não consegue justificar o comportamento do Criador, e muito menos como Ele se compartilha com respeito à própria pessoa. Por que não se sente unido ao Criador? No limite, chega a sentir que não participa da Santidade de forma alguma. Embora, às vezes, em algumas ocasiões, a pessoa receba um despertar do Alto, que a ajuda a reviver momentaneamente, em seguida, volta a cair ainda mais profundamente. No entanto, isto é o que a leva a descobrir que somente o Criador pode ajudá-la a acercar-se Dele. O homem deve sempre tratar de aferrar-se ao Criador. Isto significa que todos os seus pensamentos devem orientar-se para Ele, e mesmo que se encontre no pior estado, um estado do qual não se pode imaginar descenso maior, não deve abandonar Seu domínio. Isto é, não deve conceber que exista outra autoridade que lhe esteja impedindo de entrar na Santidade, e que seja capaz de causar-lhe benefício ou qualquer dano. Isto significa que não deve pensar que existe a força da Sitra Achra impedindo-o de executar boas ações e seguir a senda de Deus. Ao contrário, tudo é levado a cabo pelo Criador. Baal Shem Tov dizia que aquele que sustenta a existência de outra força no mundo, isto é, as klipot (cascas), se encontra no estado de “servir a outros deuses”. Não é necessariamente o pensamento herético o responsável pela transgressão. Porém, se ele crê que existe alguma outra autoridade e força além do Criador, desta forma já está cometendo um pecado. Mais ainda, aquele que sustenta que o homem é dono de sua própria autoridade e que afirma que foi ele mesmo quem ontem não desejou seguir a senda do Criador, também ele está cometendo uma heresia. Isto se dá porque ele não acredita que seja somente o Criador quem guia o mundo.

Sem dúvida, quando comete um pecado, certamente deve arrepender-se e lamentar-se por havê-lo cometido. Mas também aqui devemos colocar a dor e o sofrimento no lugar que se lhes corresponde, isto é, onde se encontra a causa desse pecado? Porque este é o ponto que se deve lamentar. Então, a pessoa deve arrepender-se e dizer: “Cometi esse pecado porque o Criador me arrojou da Santidade a um lugar de imundície, a uma latrina, a um lugar de sujeira”. Isto significa que o Criador lhe deu um desejo e um anelo para divertir-se e respirar o ar de um lugar pestilento.

(Aqui poderia se afirmar, como está escrito nos livros, que, às vezes, a pessoa encarna num porco. Devemos interpretar isto, como ele disse, entendendo que alguém recebe um desejo e um anelo de extrair vida daquelas coisas que considerava previamente como meros dejetos, mas agora deseja nutrir-se por meio delas).

Além disso, quando alguém sente que chegou a um estado de ascenso, e percebe bom sabor no trabalho, não deve dizer: “Agora encontro-me num estado no qual compreendo que vale a pena adorar o Criador”. Por outro lado, deve saber que nesse momento foi favorecido pelo Criador, e, portanto, Ele o acercou mais de Si Mesmo, e esta é a razão pela qual, nesse momento,

percebe bom sabor no trabalho. E deve se cuidar de não abandonar o domínio da Santidade, afirmando que exista alguém mais que esteja operando além do Criador mesmo.

(Isto significa que ser favorecido pelo Criador, ao contrário, não depende da pessoa mesma, senão somente do Criador. E o homem, com sua mente externa, não pode compreender por que razão o Senhor o favoreceu nesse momento e não em outros).

Do mesmo modo, quando se lamenta de que o Criador não se acerca dele, também deve cuidar em que sentido lamenta esse distanciamento do Criador. Porque se o faz pensando em seu benefício pessoal, então, estaria se convertendo num receptor para si mesmo, para seu próprio benefício; e quem recebe está separado Dele. Ao contrário, deveria lamentar o exílio da Shekiná, pelo fato de estar causando aflição à Divindade.

Vejamos um exemplo. Um pequeno órgão de uma pessoa está dolorido. Certamente, essa dor é percebida, basicamente, na mente e no coração. O coração e a mente representam a totalidade do homem. E, logicamente, a sensação de um só órgão não pode ser equivalente a toda a sensação de dor de uma pessoa, que sente a maior parte da dor.

Assim é a dor que o homem sente por estar afastado do Criador, já que o homem não é mais que um órgão particular da divina Shekiná, pois esta é a alma de Israel em sua totalidade. Portanto, a dor particular não se assemelha ao grau de dor geral.

Isto significa que existe aflição na Shekiná quando os órgãos estão apartados Dela, e quando Ela não pode sustentá-los.

(E poderíamos dizer que este é o significado do que disseram nossos sábios: “Quando um homem se arrepende, o que é o que diz a Shekiná? É mais leve do que a minha cabeça”).

E se o homem não vincula a si mesmo o sofrimento por estar afastado do Criador, salva a si mesmo de cair no engano do desejo de receber “para si mesmo”, que é considerado

“separação da Santidade”.

O mesmo acontece quando alguém sente certa aproximação do estado de Santidade. Ou seja, quando sente alegria por ter sido favorecido pelo Criador. Também então a pessoa deve afirmar que seu prazer se deve, principalmente, a que agora existe deleite Acima, na sagrada Shekiná, porque esse pequeno órgão particular conseguiu acercar-se Dela, ao invés de afastar-se de Seu lado. E assim a pessoa obtém alegria do fato de ser recompensada com o poder de deleitar a Divindade. Isto está em concordância com o cálculo superior que diz que quando há deleite para o individual é apenas uma parte do deleite do total. Através desses cálculos, a pessoa perde sua individualidade e evita ser aprisionada pela Sitra Achra, que é o desejo de receber “em benefício próprio”.

Sem dúvida, o desejo de receber é necessário, pois dele está composto o homem em sua totalidade. Isto se deve a que qualquer coisa que exista numa pessoa, aparte o desejo de receber, não pertence à criatura, senão que se lhe atribui ao Criador. Porém, o desejo de receber prazer deve ser corrigido, transformando-se em doação. Isto significa que o prazer e o deleite que o desejo de receber consegue devem corresponder à intenção de brindar deleite Acima cada

vez que a criatura sinta prazer, posto que este foi o propósito da criação: beneficiar às suas criaturas. E a isto se chama “o deleite da Shekiná, acima”.

Por essa razão, a pessoa deve encontrar instrução de como causar deleite Acima. E, certamente, se alguém recebe prazer, também Acima se sentirá contentamento e satisfação. Por isso, deseja estar sempre dentro do Palácio do Rei, e ser capaz de brincar com os tesouros do Rei. Isto, também, por suposto, provocará contentamento e satisfação Acima. Disto se depreende que todo o anelo deve estar orientado exclusivamente ao Criador e ao Seu deleite.

2 A Shechinah no Exílio

(Escutei em 1942)

O **Zohar** Sagrado diz: “Ele é **Shochen** (Morador) e Ela é **Shechinah** (Divindade)”. Assim devemos interpretar essas palavras: É sabido que não há transformação alguma relativamente à Luz Superior (ela não muda). Assim está escrito: “Eu, o Senhor, não mudo”. Todos os nomes e denominações dizem respeito somente aos Kelim (vasos), que consistem no desejo de receber incluído em Malchut, a raiz da Criação. Desde lá, ele desce até nosso mundo, até as criaturas.

Todos esses discernimentos, começando com Malchut, que é a raiz da criação dos mundos, até as criaturas, é denominado **Shechinah**. O Tikkun (correção) geral ocorrerá quando a Luz Superior brilhar nelas, nas criaturas, em plenitude e perfeição.

A Luz que brilha nos vasos se chama **Shochen**, e os vasos geralmente são chamados **Shechinah**. Em outras palavras, a **Luz reside dentro da Shechinah**. Isto quer dizer que a Luz é chamada **Shochen**, porque está dentro dos vasos; ou seja, que a totalidade (ou o conjunto) dos Kelim se chama **Shechinah**.

O tempo que precede o brilho da Luz nos Kelim em absoluta plenitude se chama “**Tempo de Correções**”. Isto significa que realizamos correções para que a Luz possa brilhar plenamente dentro dos vasos. Antes disto, esse estado é chamado “**Divindade no Exílio**”.

Isso significa que ainda não há perfeição nos Mundos Superiores. Abaixo, nesse mundo, deve existir um estado através do qual a Luz Superior se encontra dentro do desejo de receber. **Este Tikkun é considerado “receber com o fim de doar”**. Entretanto, o desejo de receber é preenchido de discernimentos desprezíveis e inúteis, que não honram aos Céus. Isto significa que o lugar em que o coração deveria ser um Tabernáculo para a Luz de Deus, se converte em um espaço de desperdícios e de sujeira. Em outras palavras, a vilania toma conta de todo o coração.

Isto se chama “Divindade no pó”. Significa que ela é rebaixada ao nível do chão, e que todos desprezam tudo o que é relativo à Santidade, e que não existe nenhum desejo de retirá-la do pó. Ao invés disso, eles escolhem coisas desprezíveis, e isto gera tristeza à Shechina, porque a pessoa não constrói um lugar no coração que possa ser convertido em um Tabernáculo para a Luz Divina.

3 A questão do recebimento espiritual

Logramos discernir muitos graus e aspectos diferentes nos Mundos Superiores. Devemos compreender que tudo o que se refere a graus e discernimentos trata apenas dos *attainments* das almas com respeito àquilo que elas recebem desses Mundos. Isto segue a regra de **Aquilo que nós não alcançamos, não conhecemos por nome algum**. Isto se deve a que a palavra nome indica um attainment, como ocorre com a pessoa que nomeia algum objeto depois de haver discernido sobre ele, de acordo com seu próprio entendimento. Enfim, a realidade em geral divide-se em três discernimentos sobre a questão do recebimento espiritual:

1. *Atzmuto* (Sua Essência)
 2. *Ein Sof* (Infinito)
 3. *Neshamot* (almas)
1. De forma alguma discutimos o *Atzmuto*. Isto porque a raiz e o berço das criaturas começam no **Pensamento da Criação**, onde elas estão incorporadas, tal como está escrito: “A culminação de um ato se encontra no seu pensamento inicial”.
 2. Ein Sof está relacionado com o **Pensamento da Criação**, que é “Seu desejo de fazer o bem as Suas criaturas”. Isto é considerado Ein Sof, e esta é a conexão que existe entre *Atzmuto* e as almas. Percebemos essa conexão sob a forma de “o Seu desejo de deleitar as suas criaturas”. Ein Sof é o começo. Chama-se “uma Luz sem Kli”. Não obstante, aqui se encontra a raiz das criaturas, que é a conexão entre o Criador e as criaturas, e que chamamos de “Seu desejo de fazer o bem às Suas criaturas”. Este desejo começa no mundo de Ein Sof e estende-se até o mundo de Assiyá, o nosso mundo.
 3. As *Neshamot* (almas), que são as receptoras do bem que Ele deseja brindar.

Ele recebe o nome Ein Sof, porque essa é a conexão entre *Atzmuto* e as almas, a qual percebemos como “Seu desejo de fazer o bem às Suas criaturas”. Não temos expressão alguma para isso, exceto para essa conexão do desejo de desfrutar, e este é o começo desse vínculo chamado “Luz sem Kli”. E assim começa a raiz das criaturas; ou seja, a conexão entre o Criador e as criaturas, e que chamamos de “Seu desejo de fazer o bem às Suas criaturas”. Este desejo nasce no mundo de Ein Sof e se estende até o mundo de Assiyá.

Todos os mundos em si são considerados Luz sem Kli. Nesse sentido, não há nome nenhum para eles. São discernidos como *Atzmuto*, e neles não há recebimento.

Não pensemos que ali é possível captar muitos aspectos. Isto se deve a que esses discernimentos se encontram em potência. No entanto, assim que as almas chegam, esses discernimentos se manifestam nas almas que recebem as Luzes Superiores, conforme o que elas tenham arranjado e corrigido. Assim, as almas poderão receber, cada uma conforme a sua própria capacidade e qualificação.

Então, esses discernimentos se revelam de fato. Contudo, enquanto as almas não alcancem a Luz Superior os Mundos seguirão sendo considerados *Atzmuto*. Os Mundos são considerados Ein Sof, com respeito às almas que recebem dos Mundos. A razão disto é que tal conexão entre os Mundos e as almas, isto é, o que os Mundos dão às almas provém do **Pensamento da Criação**, que vem a ser a correlação entre as almas e *Atzmuto*. Esta conexão chama-se Ein Sof. Quando rezamos ao Criador, e lhe solicitamos que nos ajude, dando-nos o que desejamos, nos dirigimos ao nível de Ein Sof. Ali se encontra a raiz das criaturas, que busca distribuir-lhes prazer e deleite, o que chamamos de “Seu desejo de fazer o bem as Suas criaturas”.

A oração é dirigida ao Criador que nos criou, e Seu Nome é “Seu desejo de fazer o bem as Suas criaturas”. Ele é chamado de Ein Sof porque se refere ao que antecede ao Tzimtzum (restrição). E ainda depois da restrição não ocorre nenhuma mudança Nele, posto que a Luz é imutável e Ele sempre conserva Seu Nome. A proliferação de Nomes se dá somente com respeito a quem recebe. Por isso, o primeiro Nome que se revelou, e que para as criaturas, representa a raiz, foi Ein Sof. E esse Nome permanece inalterado. Todas as restrições e mudanças sucedem unicamente com respeito a quem recebe, e Ele sempre resplandece no primeiro nome, que é Seu desejo infinito de fazer o bem as Suas criaturas.

Por tal motivo rezamos ao Criador, chamado Ein Sof, que ilumina sem restrição alguma e sem fim. E o que depois se converte no fim estriba nas correções para os receptores, com o propósito de que possam receber Sua Luz.

A Luz Superior consiste em dois discernimentos: a pessoa que recebe e o recebido. Tudo o que dizemos a respeito da Luz Superior se refere somente à forma como a pessoa que recebe se impressiona com o que recebeu. Obviamente, nem a pessoa nem o recebido recebem por si só o nome de Ein Sof. Por outro lado, o recebido se denomina *Atzmuto*, e o sujeito da recepção se denomina “alma”, sendo esse um novo discernimento que é parte do todo. É novo no que diz respeito a que o desejo de receber está impresso ali. E, nesse sentido, a criação recebe o nome de “existência a partir da ausência”.

Todos os Mundos em si são considerados uma unidade simples, e não há alteração na Santidade. Isto é o que significa “Eu, o Senhor, não mudo”. Não há Sefirot nem Bechinot (discernimentos) de nenhuma índole na Santidade. Nem mesmo os Nomes mais puros se referem à Luz em si, já que esta é um discernimento de *Atzmuto*, onde não há attainment. Por outro lado, todas as Sefirot e todos os discernimentos tratam somente daquilo que a pessoa percebe neles. Isto é assim porque o Criador quis que alcançássemos e que compreendêssemos a abundância como Seu desejo de fazer o bem às Suas criaturas.

Para que pudéssemos alcançar aquilo que Ele havia desejado que alcançássemos e que compreendêssemos como é o Seu desejo de fazer o bem às Suas criaturas, Ele nos criou e nos

conferiu os cinco sentidos, e esses sentidos obtêm suas impressões da Luz Superior. Em consequência disso, recebemos muitos discernimentos, posto que o sentido geral chama-se “o desejo de receber”, e se divide em muitos aspectos, conforme a medida que os receptores sejam capazes de receber. Deste modo, encontramos muitas divisões e detalhes chamados ascensos e descensos, expansão, partida e etc. Devido a que o desejo de receber se denomina “criatura” e um “novo discernimento”, a palavra começa precisamente no lugar onde o desejo de receber começa a receber as impressões. A fala representa discernimentos, partes das impressões, pois aqui já existe uma correlação entre a Luz Superior e o desejo de receber. Isto se chama Luz e Kli. No entanto, não existe definição nem nome a respeito da Luz sem Kli, já que uma Luz que não seja alcançada por um receptor é considerada *Atzmut*, sobre o qual é proibida qualquer declaração, posto que é inalcançável. Como poderíamos nomear e definir aquilo que não conseguimos alcançar?

Disto aprendemos que quando oramos para que o Criador nos envie salvação, cura e etc. há duas coisas que devemos distinguir:

- 1) O Criador;
- 2) Aquilo que provém Dele.

Sobre o primeiro discernimento, considerado *Atzmut*, fica proibida toda e qualquer declaração, como acabamos de mencionar. No segundo discernimento, aquilo que provém Dele e que é considerado a Luz que se expande dentro de nossos vasos, isto é, dentro de nosso desejo de receber, é o que chamamos de Ein Sof. Representa a conexão do Criador com as criaturas, o que significa “Seu desejo de fazer o bem às Suas criaturas”. O desejo de receber é considerado como a Luz em expansão que finalmente alcança o desejo de receber. Quando o desejo de receber capta a Luz em expansão, esta adota o nome de Ein Sof. Chega aos receptores através de muitos véus, para que estes possam ser recebidos pelo inferior. Disso resulta que todos os discernimentos e todas as mudanças são levados a cabo especificamente no receptor, segundo o receptor se impressione com elas. Não obstante, devemos entender a matéria sobre a qual estamos falando. Quando falamos de discernimentos nos Mundos, referimo-nos a discernimentos potenciais. E quando o receptor alcança os ditos discernimentos, eles passam a ser discernimentos propriamente ditos.

O recebimento espiritual se dá quando o sujeito do recebimento e o alcançado se unem, já que sem um sujeito não pode existir forma para alcançá-lo, dado que não haveria quem obtivesse a forma do recebido. Por isso, este discernimento é considerado *Atzmut*, a respeito do qual não é possível declaração alguma. Então, como podemos dizer que o alcançado tem sua própria forma? Só podemos falar se nossos sentidos se impressionam com a Luz em expansão, que é “Seu desejo de fazer o bem a Suas criaturas”, e que chega, de fato, às mãos dos receptores. De forma similar, quando examinamos uma mesa, nosso sentido do tato a percebe como algo duro. Também reconhecemos sua longitude e sua largura graças a nossos sentidos. Sem dúvida, isso implica que a mesa se manifeste dessa mesma forma a alguém que possua diferentes sentidos. Por exemplo: do ponto de vista de um anjo, se ele examinasse a mesa a veria de acordo com seus próprios sentidos. Portanto, não podemos determinar nenhuma forma a respeito do anjo,

já que desconhecemos os sentidos que ele possui. Assim, dado que não podemos alcançar o Criador, é-nos impossível dizer que formas possuem os Mundos vistos de Sua perspectiva. Somente podemos alcançar os Mundos de acordo com os nossos próprios sentidos e sensações, já que esta foi Sua vontade para que a alcançássemos dessa maneira. Este é o sentido de “Não existe alteração alguma na Luz”. Por outro lado, todas as transformações ocorrem nos Kelim, isto é, nos nossos sentidos, de onde as medimos segundo a nossa própria imaginação. Nós medimos absolutamente tudo de acordo com nossa própria imaginação. Disto se conclui que se muitas pessoas examinassem um mesmo objeto ou entidade espiritual, cada um o compreenderia segundo a sua própria imaginação e sentidos, percebendo-o, cada um, de um modo diferente. Além disso, numa pessoa, a forma mudará conforme os seus próprios estados de ascensos e descensos, como já explicamos antes, ao dizer que a Luz é Luz Simples, e que todas as transformações e mudanças são levadas a cabo somente dentro de quem as recebe.

Oxalá a Luz nos seja concedida e que possamos seguir os caminhos do Criador, e servir-Lhe, já não com o propósito de receber uma recompensa em troca, mas com a finalidade de deleitá-Lo e assim elevar e resgatar a Divindade do pó.

Oxalá nos seja concedida essa adesão com o Criador e também a revelação de Sua Santidade às suas criaturas.

4 Shamati 2

POR FAZER!

5 Lishmá é um despertar de Cima. E por que necessitamos de um despertar de Baixo?

O recebimento de **Lishmá** (em benefício Dele) não é algo que esteja ao alcance de nosso entendimento, já que para a mente humana é inconcebível que algo assim possa existir em nosso mundo. Isto se deve a que a pessoa só tem permissão de entender que se ela observa **Torah** e **Mitvot** receberá algo. Nisso deve haver alguma recompensa, ela imagina; do contrário, ela não poderia fazer nada.

Por outro lado, **Lishmá** é uma iluminação que vem do Alto, e somente quem a recebe pode conhecer e compreender esse fenômeno. Sobre isso está escrito: “Prova e vê que o Senhor é bom”.

Assim, devemos entender porque uma pessoa deve buscar o conselho de como alcançar **Lishmá**. E, depois disso, ela deve entender que nenhum conselho será de qualquer utilidade quanto a isso. Se Deus não nos outorga outra natureza chamada de “o desejo de doar” nenhum trabalho poderá nos ajudar a alcançar **Lishmá**.

A explicação, segundo os nossos sábios, é: “Não depende de ti completar o trabalho; e não és livre para fugires dele” (*Pirket Avot 2: 21*). Isso significa que a pessoa deve produzir o despertar de Baixo, já que isso se discerne como uma oração.

A oração representa uma carência e sem uma carência não pode existir preenchimento nenhum. Por fim, quando alguém sente a necessidade de trabalhar em **Lishmá**, esse preenchimento vem de Cima, e a resposta à oração vem de Cima, e a pessoa recebe o preenchimento da sua necessidade. Então, o trabalho da pessoa é necessário para receber **Lishmá** do Criador somente sob a forma de uma carência e um **Kli** (vaso). Não obstante, a pessoa jamais poderá alcançar esse preenchimento por si mesmo, mas unicamente como um presente que vem do Criador.

Por outro lado, a oração deve ser completa, ou seja, desde o mais fundo do coração; e a pessoa deve ter certeza absoluta de que não existe ninguém no mundo que possa ajudá-lo, exceto o Criador Ele Mesmo.

Ainda assim, como pode a pessoa saber que ninguém mais além do próprio Criador pode ajudá-la? A pessoa pode obter esse discernimento precisamente se já havia empregado todas as forças que tinha ao seu alcance sem conseguir nada. Portanto, a pessoa deve fazer todo o possível no mundo para lograr o nível de trabalho chamado Em benefício Dele. Somente então a pessoa consegue elevar uma prece do fundo de seu coração e ser ouvida pelo Criador.

Quando a pessoa está trabalhando em favor de **Lishmá** deve saber que precisa incorporar por completo a vontade de trabalhar unicamente com a intenção de doar, o que equivale a dizer que deve trabalhar somente para doar sem receber nada em troca. Somente nesse momento a pessoa começa a perceber que seus órgãos físicos se opõem a isso. A partir daí, a pessoa começa a ter uma clara noção de que não lhe resta outra alternativa a não ser transferir a sua demanda ao Criador e pedir-Lhe ajuda para que seu corpo aceite escravizar-se de modo incondicional diante Dele, já que a pessoa se dá conta de que não consegue persuadir seu corpo a anular-se por completo. Nesse momento, precisamente quando a pessoa descobre que não há razão para esperar que seu corpo concorde a trabalhar por si mesmo para o Criador, a oração surge do fundo do coração e acaba sendo aceita por Ele.

É preciso entender que ao alcançar **Lishmá** a pessoa mata a sua inclinação ao mal, que é o desejo de receber, e ao adquirir o desejo de doar todo o desejo de receber é cancelado. A isso se chama “matar o desejo de receber”. Porque foi retirado e porque não tem mais nada a fazer ao não estar mais em uso, quando sua função é revogada, considera-se que o desejo de receber foi morto.

Quando alguém analisa “que tipo de recompensa recebe o homem como resultado de todo o seu trabalho durante todo o tempo em que trabalhou sob o Sol”, ela descobre que não é tão difícil assim escravizar-se diante de Seu Nome por duas razões: de qualquer forma, seja voluntária ou involuntariamente, a pessoa precisa realizar todo o tipo esforços neste mundo. E o que é que sobra como resultado de todos esses esforços? No entanto, se a pessoa trabalha em **Lishmá** ela recebe muito prazer durante e através do trabalho em si.

Segundo o versículo “E não me invocaste a Mim, oh Jacó, nem tampouco de Mim te cansaste, oh Israel”, o maguid de Dubna disse que isso é similar ao caso do homem rico que saiu do trem e que levava consigo uma pequena mala. Ele a colocou ali onde todos os comerciantes colocavam as suas bagagens. Os carregadores logo carregaram as malas e as levaram ao hotel onde os comerciantes estavam alojados. O carregador de malas pensou que o homem rico havia carregado a sua própria mala e que não necessitava de seus serviços e por isso carregou somente uma mala grande.

O comerciante quis pagar pouco ao carregador, como era de seu costume, mas o homem não quis aceitar, e lhe disse: “Coloquei na entrada do hotel uma mala enorme que me deixou exausto, e foi a única que consegui carregar, e agora você quer me pagar com essa ninharia?”

A lição é que quando uma pessoa vem e diz que trabalhou de maneira exaustiva em observar **Torah** e **Mitzvot**, o Criador retruca: “Tu não me invocaste, oh Jacó”. Noutras palavras, “a mala que carregaste não foi a Minha, mas a de outra pessoa. Porque disseste que observar a **Torah** e as Mitzvot te custou muito esforço deves ter trabalhado para outro patrão. Por isso, procure-o, para que ele te pague”. Esse é o significado de “nem tampouco de Mim te cansastes, oh Israel”. Isso quer dizer que quem trabalha para o Criador não sente este trabalho como uma carga para si mesmo. Pelo contrário, esse trabalho lhe proporciona prazer e exaltação espiritual.

Por outro lado, quem trabalha com diferentes propósitos, não pode se dirigir ao Criador se queixando e Lhe exigindo que lhe proporcione vitalidade no trabalho, já que não está trabalhando para o Criador; e, portanto, não pode esperar pagamento. Em vez disso, a pessoa pode queixar-se para quem ela esteve trabalhando, para que lhe proporcione prazer e vitalidade.

E porque existem tantos propósitos em Lo **Lishmá** (não em benefício Dele), a pessoa deve exigir a quem trabalhou que lhe proporcione a devida recompensa, que consiste em prazer e vitalidade. Quanto a isso se diz o seguinte: “Semelhantes a eles são os que o fazem, e qualquer um que confia neles”.

É certo que isso nos causa perplexidade. Depois de tudo, vemos que mesmo quando alguém assume para si o Jugo dos Céus sem nenhuma outra intenção, mesmo assim não recebe uma sensação de vitalidade de tal forma que possa dizer que esta a empurra a assumir para si mesmo o Jugo dos Céus. E a única razão porque alguém assume essa carga se dá somente porque ela coloca a fé acima da razão. Noutras palavras, a pessoa faz isso superando a si mesma à força, contra a sua própria vontade. Assim, podemos perguntar o seguinte: “Por que a pessoa sente o esforço desse trabalho, com o corpo constantemente buscando o momento de se livrar disso, como quem não sentisse vitalidade alguma através desse trabalho? De acordo com o que foi dito anteriormente, quando alguém trabalha humildemente e tem somente o propósito de trabalhar com a intenção de doar, por que o Criador não lhe proporciona o sabor e a vitalidade implícitos no trabalho?

A resposta é que devemos entender que esse assunto representa uma grande correção. Se não fosse assim, se a Luz e a vitalidade tivessem brilhado de maneira instantânea quando começamos a realizar o trabalho do Reino dos Céus, teríamos recebido vitalidade no trabalho. Noutras palavras, o próprio desejo de receber teria concordado em executar o trabalho. Nesse estado, a pessoa, certamente, estaria de acordo, pois desejaria saciar esse desejo. Ou seja, estaria trabalhando em benefício próprio. E se esse fosse o caso, ela jamais poderia alcançar **Lishmá**. Isto se deve a que a pessoa estaria obrigada a trabalhar para seu próprio benefício, já que sentiria maior prazer no trabalho de Deus do que nos desejos corporais. Assim, a pessoa seria obrigada a permanecer em Lo **Lishmá**, já que desse modo poderia obter satisfação em seu trabalho. Ali onde há satisfação não há nada que a pessoa possa fazer, porque não poderia trabalhar sem a expectativa de uma recompensa. Então, se a pessoa recebesse satisfação através desse trabalho em Lo **Lishmá** teria que permanecer para sempre nesse estado. Isso seria parecido ao que se faz: quando muitas pessoas estão correndo atrás de um ladrão, ele também corre e grita “Pega, ladrão; pega, ladrão”. Desse modo, é impossível saber quem é o ladrão e é impossível prendê-lo e restituir ao dono o que foi roubado. Mas, quando o ladrão, que representa o desejo de receber, não sente o sabor e a vitalidade implícitos no trabalho de aceitar o Jugo dos Céus, e se nesse mesmo estado ele trabalha com a fé acima da razão, sob coação, e se o seu corpo acaba por se acostumar com esse trabalho contra seu próprio desejo de receber, então ele possui os meios para levar a cabo o trabalho que terá como propósito levar Contentamento ao Fazedor.

Isso tudo é assim porque o objetivo principal de uma pessoa é alcançar a Dvekut (adesão) com o Criador através de seu próprio trabalho, que se discerne como equivalência de forma, que é o estado em que todos os atos estão dirigidos somente à doação, tal como diz o versículo: “Então, te deleitarás no Senhor”. O sentido de “Então” é que, no começo do trabalho, a pessoa não recebe prazer. Muito ao contrário, no começo o trabalho é forçado.

No entanto, depois, quando a pessoa já se acostumou a trabalhar com a intenção de doar e a não examinar-se a si mesma para comprovar se está sentindo prazer ou não no trabalho, senão que acredita que está trabalhando para satisfazer o Fazedor, ela deve saber que o Criador aceita o trabalho dos inferiores sem se importar com quanto ou como este seja feito. Em absolutamente tudo, o Criador examina a intenção, e isso Lhe produz satisfação. Em consequência, à pessoa lhe é concedido o que diz o versículo: “Então, te deleitarás no Senhor”. Inclusive, sentirá prazer e deleite durante o trabalho de Deus, já que agora trabalha realmente para o Criador, pois o esforço que havia realizado durante o trabalho coagido lhe dá a capacidade de trabalhar para Ele de maneira sincera. Nesse instante, a pessoa descobre que também ali o prazer que ela recebe está vinculado ao Criador, isto é, é doado especificamente para o Criador.

6 Shamati 2

POR FAZER!

7 Shamati 2

POR FAZER!

8 Shamati 2

POR FAZER!

9 Shamati 2

POR FAZER!

10 Shamati 2

POR FAZER!

11 Shamati 2

POR FAZER!

12 A essência do trabalho do homem

(Ouvi durante uma refeição no 2º dia de Rosh Hashaná, Tav-Shin-Chet, 5 de outubro de 1948)

A essência do trabalho do homem deveria ser sentir o sabor de doar contentamento ao seu Criador, já que tudo o que o indivíduo faz para si mesmo o afasta Dele, por causa da disparidade de forma. Inversamente, se o indivíduo age de forma a beneficiar o Criador, mesmo com o menor dos atos, isso ainda é considerado uma Mitzvá [mandamento].

Portanto, o esforço primário do indivíduo deveria ser adquirir a força para sentir sabor na doação, o que acontece quando o prazer na auto-recepção diminui. Então, o indivíduo lentamente adquire gosto em doar.

13 Shamati 2

POR FAZER!

14 Shamati 2

POR FAZER!

15 Shamati 2

POR FAZER!

16 Shamati 2

POR FAZER!

17 O que significa que a Sitra Achra seja chamada de “Malchut sem uma Coroa”?

(Ouvi em Tav-Shin-Aleph, 1940-1941, Jerusalém)

Coroa significa *Keter*, e *Keter* é o Emanador e a Raiz. A *Kedushá* [santidade] está conectada à raiz, ou seja, a *Kedushá* é considerada em equivalência de forma com sua raiz. Isso significa que, assim como a nossa Raiz, isto é, o Criador deseja apenas doar, como está escrito “Seu desejo de fazer o bem às criaturas”, também a *Kedushá* é destinada apenas para doar ao Criador.

A *Sitra Achra* [outro lado], no entanto, não é assim. Ela objetiva apenas receber para si mesma. Por essa razão, ela não está aderida à Raiz, isto é, *Keter*. É por isso que se faz a referência sobre a *Sitra Achra* não ter *Keter* [coroa]. Em outras palavras, ela não tem *Keter* porque ela está separada de *Keter*.

Agora podemos entender o que os nossos sábios disseram (*Sanhedrin* 29): “Todos que somam, subtraem”. Isso significa que, se você adiciona à conta, há subtração. Está escrito (Zohar Pekudei, item 249): “Ocorre o mesmo aqui, em relação ao que é interno, como está escrito, ‘Ademais, você deverá construir o tabernáculo com dez cortinas’. Em relação ao que é externo, está escrito ‘onze cortinas’, com adição de letras, ou seja, adicionando o *Ayin* [a letra hebraica adicionada] ao doze, e subtraindo da conta. Subtrai-se um do número doze devido à adição do *Ayin* ao doze”.

É sabido que o cálculo é implementado apenas em *Malchut*, o qual calcula a altura do grau (por meio da *Ohr Hozer* [luz refletida] nela). Além disso, é sabido que *Malchut* é chamada de “o desejo de receber para si mesmo”.

Quando ela anula seu desejo de receber perante a Raiz, e não quer receber, mas apenas doar à Raiz, assim como a Raiz que é o desejo do doar, então *Malchut*, chamada Ani [Eu], torna-se Ein [nada], com um *Aleph*. Apenas então ela estende a luz de *Keter* para construir seu *Partzuf* e se torna doze *Partzufim* de *Kedushá*.

Contudo, quando ela quer receber para si mesma, ela se torna o *Ayin* [olho] maldito. Em outras palavras, onde havia uma combinação de Ein, isto é a anulação perante a raiz, que é *Keter*, tornou-se *Ayin* (ou seja, ver e saber dentro da razão).

Isso é chamado “adição”. Significa que o indivíduo quer somar conhecimento à fé, e trabalhar dentro da razão. Em outras palavras, ela diz que vale mais a pena trabalhar dentro da razão e, então, o desejo de receber não terá objeção ao seu trabalho.

Isso causa uma falha, pois houve a separação de *Keter*, chamado de “o desejo de doar”, que é a Raiz. Não há mais a questão da equivalência de forma com a Raiz, chamada de *Keter*. Por essa razão, a *Sitra Achra* é chamada “*Malchut* sem coroa”. Isso significa que *Malchut* da *Sitra Achra* não tem Dvekut [adesão] com *Keter*. Por essa razão, eles só têm onze *Partzufim*, sem o *Partzuf Keter*.

Esse é o significado do que os nossos sábios disseram: “Noventa e nove morreram de mau olhado”. Ou seja, porque eles não têm a qualidade de *Keter*. Isso significa que a *Malchut* neles, o desejo de receber, não quer se anular perante a Raiz, chamada *Keter*. Isso significa que eles não fazem do Ani [Eu], chamado “desejo de receber”, uma qualidade do Ein [nada], que é o anulamento do desejo de receber.

Ao invés disso, eles querem somar. E isso é chamado “o *Ayin* [olho] maldito”. Ou seja, onde deveria haver Ein com *Aleph* [a primeira letra da palavra Ein], eles inserem o maldito *Ayin* [olho, a primeira letra da palavra]. Portanto, eles caem do seu nível devido à falta de Dvekut com a Raiz.

Esse é o significado do que os nossos sábios disseram: “Qualquer um que seja orgulhoso, diz o Criador, ‘ele e Eu não podemos habitar na mesma morada’”, pois assim o indivíduo cria duas autoridades. No entanto, quando o indivíduo está em um estado de Ein e se anula perante a Raiz, sendo que a sua única intenção é doar, como a Raiz, percebe-se que aqui há apenas uma autoridade – a autoridade do Criador. Então, tudo o que o indivíduo recebe no mundo é somente a fim de doar ao Criador.

Esse é o significado do que ele havia dito: “O mundo inteiro foi criado apenas para mim, e eu, para servir ao meu Fazedor.” Por essa razão, eu devo receber todos os níveis no mundo, a fim de que possa dar tudo ao Criador, o que é chamado de “servir ao meu Fazedor”.

18 Shamati 2

POR FAZER!

19 Shamati 2

POR FAZER!

20 Shamati 2

POR FAZER!

21 Shamati 2

POR FAZER!

22 Shamati 2

POR FAZER!

23 Shamati 2

POR FAZER!

24 Shamati 2

POR FAZER!

25 As coisas que vêm do coração

(Ouvi em 5 de Av, Tav-Shin-Dalet, 25 de julho de 1944, durante uma refeição comemorativa pela conclusão do Zohar)

Em relação às coisas que vêm do coração, entre no coração. Assim, por que vemos que um indivíduo ainda cai desse nível, mesmo se as coisas já entraram no coração?

Quando o indivíduo ouve as palavras da Torá de seu professor, ele imediatamente concorda com o professor e decide observar as palavras com coração e alma. Mas, depois, quando sai para o mundo, ele vê, cobiça e é infectado pela multidão de desejos que vagam pelo mundo. Então, ele e sua mente, seu coração e sua vontade são anulados diante da maioria.

Enquanto o indivíduo não tem o poder de sentenciar o mundo para o lado do mérito, o mundo o subjuga, ele se mistura com os desejos da multidão e é levado como uma ovelha para o abate. Ele não tem escolha. É compelido a pensar, querer, desejar e a exigir tudo o que a maioria demanda. Então, ele escolhe seus pensamentos estrangeiros e suas luxúrias e desejos repugnantes, os quais são estranhos à Torá. Nesse estado, ele não tem força para subjugar a maioria.

Ao invés disso, há então apenas um conselho: Apegar-se ao seu professor e aos livros. Isso é chamado “Da boca dos livros e da boca dos autores”. Apenas ao se apegar a eles o indivíduo pode mudar a sua mente - e isso será para melhor. No entanto, argumentos espertos não vão ajudá-lo a mudar a sua mente, mas apenas o remédio da Dvekut (adesão), pois essa é uma cura maravilhosa, já que a Dvekut o reforma.

Apenas enquanto o indivíduo está dentro da Kedushá (Santidade) ele pode argumentar consigo mesmo e se entregar a polêmicas inteligentes, de modo que a mente necessite que ele ande sempre no caminho do Criador. Porém, o indivíduo deve saber e gravar na sua mente que, mesmo quando ele é sábio e está certo de que já pode usar sua inteligência para derrotar a Sitra Achra (outro lado), tudo isso é inútil e que essa não é uma arma capaz de vencer a guerra contra a inclinação ao mal, pois todos esses conceitos não passam de uma consequência alcançada após a já mencionada Dvekut.

Em outras palavras, todos os conceitos sobre os quais ele constrói sua obra, dizendo que o indivíduo deve sempre seguir no caminho do Criador, são fundados na Dvekut com o professor. Portanto, se ele perde essa fundação, todos os conceitos se tornam impotentes, pois eles já não têm a fundação.

Dessa forma, o indivíduo não deve confiar na própria mente, mas deve aderir mais uma vez aos livros e aos autores, pois apenas isso pode ajudá-lo, e não o conhecimento ou o intelecto, visto que não há vitalidade neles.

26 Sumário

Por fazer.

References